

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DÉBORA VICENTE DE CAMPOS LEOPOLDINO

MEMORIAL DE FORMAÇÃO
UMA HISTÓRIA EM CONSTRUÇÃO

CAMPINAS

2005

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

DÉBORA VICENTE DE CAMPOS LEOPOLDINO

MEMORIAL DE FORMAÇÃO
UMA HISTÓRIA EM CONSTRUÇÃO

Memorial apresentado ao Curso de Pedagogia – Programa Especial de Formação de Professores em Exercício nos Municípios da Região Metropolitana de Campinas, da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, como um dos pré-requisitos para a conclusão da Licenciatura em Pedagogia.

CAMPINAS

2005

**Ficha catalográfica elaborada pela biblioteca
da Faculdade de Educação/UNICAMP**

L555m Leopoldino, Débora Vicente de Campos.
Memorial de Formação : uma história em construção/ Débora Vicente
de Campos Leopoldino. -- Campinas, SP : [s.n.], 2005.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade Estadual
de Campinas, Faculdade de Educação, Programa Especial de Formação de
Professores em Exercício da Região Metropolitana de Campinas (PROESF).

1.Trabalho de conclusão de curso. 2. Memorial. 3. Experiência de vida.
4. Prática docente. 5. Formação de professores. I. Universidade Estadual de
Campinas. Faculdade de Educação. III. Título.

06-080-BFE

Aos meus filhos Lucas e Luan, que com muita sabedoria conseguiram superar a minha ausência e sempre me deram muita força.

Ao meu marido Evandro pela companhia em todos os momentos.

A minha mãe Marilena que neste período exerceu a dupla função de vó e mãe nos cuidados com meus filhos.

A meu pai Jonas pelo exemplo de perseverança.

APRESENTAÇÃO

Este trabalho é fruto de um processo de transformação da minha trajetória profissional, minhas memórias da infância e adolescência e a importância de pessoas queridas na construção da minha identidade.

Traço um paralelo entre a minha prática, o amor pela Educação Infantil, e as teorias estudadas nas matérias de Educação da Criança de 0 a 6 anos e Educação Infantil, fazendo uma referência ao modelo de educação nas creches e pré-escolas italianas.

MEMORIAL DE FORMAÇÃO

UMA HISTÓRIA EM CONSTRUÇÃO

Ao resolver iniciar a escrita do meu memorial, foi que comecei a entender porque estava sendo tão difícil para mim este trabalho.

Falar de minhas memórias será lembrar de pessoas amadas, que fazem parte da formação da pessoa, que hoje sou e que não estão mais ao meu lado: meu pai, amigo incontestável, companheiro de todas as horas, alguém que me ensinou que desistir é uma palavra que nunca deve ser usada, mas luta, persistência, amor e fé jamais devem ser esquecidas; meu avô materno Nenê, aquele que durante a minha infância, com suas histórias, me fazia viver dentro de um mundo encantado, repleto de fantasias; minha avó paterna Ercília, que tanto me amou e muito me ensinou.

Devo confessar que começar a falar das minhas memórias está me deixando bastante emocionada, ao mesmo tempo surge na minha memória lugares, imagens, cheiro, gostos, rostos, sentimentos. Tive uma infância privilegiada, o que me faz sentir muita saudades.

Em 30 de julho de 1967 nasci, filha de Jonas Vicente de Campos e Marilena Rossi de Campos, de um parto normal cheio de complicações que quase tira a vida da minha mãe, este fato me assusta muito, não consigo imaginar a minha vida sem a presença dela.

Minha mãe era de uma família simples, nasceu e morou em sítio onde ajudava nos afazeres da casa, na lavoura, e nos demais serviços; estudou até a 6ª série.

Meu pai vinha de uma família com mais posses, na época do meu nascimento ele possuía uma firma de usinagem.

Papai comentava sempre, que ficou encantado pela beleza de minha mãe, desde o primeiro momento que a viu, quando a conheceu melhor disse que também se encantou pela sua maneira ousada, era raro, na época, uma moça dirigir e administrar os negócios de um

sítio; mamãe dirigia um Ford 29 que dava partida na manivela, cuidava de negociar o gado, que seu pai ia buscar nas cidades: de Águas de Lindóia e Dois Córregos, com uma turma de tropeiros e também da venda dos produtos da lavoura que produziam no sítio. Outro fato que chamou a atenção de meu pai foi que mamãe manejava com grande desenvoltura uma cartucheira, não deixando que os gaviões se aproximassem do sítio, já que estes vinham para caçar galinhas.

Meus pais se casaram, em 13 de fevereiro de 1965 e foram morar em uma casa alugada em Monte Mor, nesta casa moravam quando eu nasci e fiquei até um ano de idade. Depois deste lugar, fomos morar em uma chácara comprada pelo meu avô paterno, João. Nesta chácara, morei até meus oito anos e posso afirmar que foram tempos maravilhosos.

Fui filha única e também a única neta pelo lado materno até os meus seis anos, tive como companhias nas minhas brincadeiras, mamãe e uma empregada que morava conosco. Apesar da vida que minha mãe teve no sítio ter sido de muito trabalho, ela teve uma infância gostosa, rodeada por animais, andava a cavalo e de charrete, tinha casinha no alto da árvore, fazia o seu próprio brinquedo com a ajuda de sua mãe, passava a noite sob a luz de lamparina, lendo e ouvindo seu pai lhe contar histórias, está infância vivida por ela é que fez a grande diferença na minha também.

Minha mãe deixava de cuidar da casa para brincar comigo, foi a ela que posso dizer ter ensaiado as minhas primeiras aulas durante as brincadeiras de escolinha, brincávamos também de casinha, de fazer comidinhas, de armazém onde o dinheiro eram as folhas de laranjeiras.

Meu avô Nenê e vovó Carolina vieram morar conosco na chácara, quando venderam o sítio, nesta mesma época nasceu meu único irmão Júlio. Como já escrevi anteriormente meu avô foi uma pessoa muito importante na minha vida, adorava me contar histórias de assombração, mula-sem-cabeça, saci, e alguns casos vivenciados por ele na época de criança e

depois nas suas viagens como tropeiro, me recordo do quanto adorava ouvir suas histórias e pedia que as repetisse constantemente.

Um fato que marcou muito minha infância e mais tarde minha adolescência foi que meus avôs e mamãe conversavam em italiano, quando não queriam que eu e meu irmão entendêssemos o que estavam falando. Vovô Nenê e vovó Carolina, eram filhos de imigrantes italianos que chegaram ao Brasil ainda crianças, assim como outros tantos, para trabalhar na lavoura do café. Eu achava lindo vê-los conversando, conforme fui ficando mais velha passei a entender muito do que eles falavam e também participada das conversas, eles em italiano e eu em português.

De meu avô paterno João me recordo pouco, ele faleceu quando eu tinha sete anos, mas a sua presença também foi muito constante na minha infância até a data de sua morte. Vinha me ver, diariamente na chácara, me pegava no colo e todos os dias me trazia um chocolate no bolso da camisa. Lembro que sempre usava camisa de linho de manga comprida, impecavelmente passada, no bolso, bordado muito delicadamente seu nome João Pires, um capricho feito por vovó Ercília. Junto ao chocolate estava sempre uma caneta tinteiro que me fascinava, ele era tabelião do cartório de registro da cidade de Monte Mor, achava lindo vê-lo datilografando em uma máquina de escrever preta com teclas cromadas, recordo o cheiro do cigarro de piteira que constantemente fumava. Vovó João foi um homem sereno, calmo e sábio, era visto como conselheiro de muita gente da cidade, que antes de tomar uma decisão vinha lhe pedir uma opinião. Participava também das decisões políticas da cidade, ajudou a eleger alguns dos grandes prefeitos que Monte Mor teve, em uma época em que a política era levada a sério.

Minha avó Ercília foi uma dona de casa zelosa, cozinhava como ninguém, também foi uma costureira muito caprichosa, fez muitas das minhas roupas de criança, bordava com extremo capricho, me ensinou a bordar alguns pontos quando eu tinha sete anos. Recordo do

cheiro do pão, que fazia e da geléia de goiaba feita no tacho de cobre, no fogão de lenha. Toda semana ela convidava as quatro netas, eu, Ana Paula, Cássia e Eliane para irmos tomar café da tarde com ela, arrumava aquela mesa da sala de jantar enorme e nos servia o café com leite, em um jogo de porcelana pintado a mão com tinta dourada e a figura de uma dama antiga, um presente dado a ela pelo meu pai com o primeiro salário que recebeu quando começou a trabalhar. Nós, as netas, quando pequenas, dizíamos que essas xícaras eram de ouro. Achava lindo este conjunto que era formado por aparelho de chá, café e jantar. Após meu casamento e antes da sua morte, um dia vovó Ercília me chamou para dizer que este aparelho, seria deixado como herança para mim. Sua morte aconteceu há oito anos no mesmo dia em que completou oitenta e dois anos, sua casa continua exatamente como era antes do seu falecimento, o aparelho que ela me deu continua na cristaleira da sala de jantar, minha tia Cida, ainda hoje mora na casa da vovó Ercília e quando a família resolver vender a casa irei buscar meu presente, por enquanto é como se ela continuasse vivendo lá.

A casa da Vó Ercília também foi um lugar onde passei ótimos momentos, enquanto pequena brinquei muito, com minhas primas e meus primos no quintal de sua casa, que é um espaço muito grande, embaixo das mangueiras, fazíamos túneis sob as raízes das árvores, com água e terra brincávamos de fazer bolo, estradas, castelos... Este quintal continua com as mangueiras agora ainda maiores, meu pai e meus filhos quando eram pequenos, plantaram nesse lugar trepadeiras primavera, cercando o muro que separa a casa do antigo prédio da prefeitura de Monte Mor, estas plantas ficam floridas o ano todo. Fico feliz por ser este mesmo quintal onde passei momentos gostosos de muitas brincadeiras, ser o mesmo onde meu filhos e os filhos das minhas primas também tiveram oportunidade de brincar muito. Ainda hoje este é o lugar onde fazemos alguns churrascos de família mesmo após a morte de vó Ercília, passamos todos os anos a ceia de Natal nesta casa, tia Cida faz questão de tocar o sininho para indicar às crianças que Papai Noel passou por lá e deixou presentes, assim como

fazia quando eu e outros netos éramos pequenos. A família de papai é muito ligada as tradições e faz questão de preservá-las.

Apesar da presença sempre muito constante da minha mãe nas minhas brincadeiras e às vezes das minhas primas, quando eu tinha quatro anos me sentia muito sozinha, insistia muito que queria ir à escola. Nesta época só havia no meu município duas classes do “prezinho” que era vinculada à escola do estado, mas que funcionava em outro prédio separado ao da 1ª a 4ª séries; era difícil conseguir uma vaga. Para ser matriculada era preciso completar seis anos até dia 30 de junho. A vice-diretora da escola era tia Cida (irmã mais velha de meu pai), que diante do meu desejo me matriculou com quatro anos na pré-escola, estudei por dois anos nesta classe, recordo das atividades de coordenação motora, que muitas vezes fiz enchendo folhas de caderno: bolinha-risquinho-bolinha-risquinho, onda vai-onda vem, entre outras. Recordo também do boletim, feito pela professora Nelita, onde os conceitos eram representados por bolinhas verdes que significava excelente, amarelo bom e vermelho razoável, minha mãe guarda até hoje meu boletim.

Da época da pré-escola lembro da “cadeirinha feia”, uma cadeira velha, com tinta desgastada pelo tempo, na qual ia sentar quem sofresse alguma punição; não foi diferente comigo, uma vez por estar conversando muito fui parar na tal cadeirinha, fiquei arrasada, passei uma vergonha tão grande e aprendi a ficar sempre calada para nunca mais sofrer tamanha humilhação, mas isto não tirou meu entusiasmo pela escola.

Na formatura do pré foi apresentada a dramatização das histórias: Três Porquinhos e O circo, a personagem que representei foi a de um palhaço, além de dançar a valsa com trage de gala, me senti maravilhosa no vestido longo, de laise branca com fita larga cor de rosa amarrada na cintura a um buquê de flores de tecido, feita por dona Clarice a pedido de Vovó Ercília.

Chegado o momento de ir à 1ª série, fui estudar no Grupo Escolar Coronel Domingos Ferreira, a mesma escola que minha mãe estudou e que vinte cinco anos mais tarde eu iria dar aula numa classe de 2ª série.

Minha professora da 1ª série foi dona Terezinha, grande amiga da família que todas as vezes que nos reencontramos, me pergunta se me recordo que comia todos os doces que ela ganhava dos alunos. Fui alfabetizada com a cartilha Caminho Suave, como acho que eram alfabetizadas todas as crianças desta época. Além da cartilha, minha mãe sempre me incentivou a viver no mundo da leitura, comprava algumas coleções de literatura infantil, foi ela que me apresentou a Monteiro Lobato e leu para mim todos os seus livros.

Nas classes as carteiras eram de madeira e sentávamos em dupla, a professora pedia para que a leitura fosse feita em voz alta, cada criança lia uma parte, como ainda não dominava a leitura isto me constrangia muito, algumas crianças riam quando eu ia ler e diziam a professora que pedisse a outro aluno, porque eu não sabia, com isto fui me sentindo cada vez mais insegura em relação à leitura e trouxe como consequência à insegurança na escrita também; por maior que fosse o incentivo de minha mãe eu preferia ouvir as histórias lida por ela, passava horas folheando os livros, copiando as ilustrações que eu achava maravilhosas, mas não lendo. Esta dificuldade na escrita me acompanhou a vida toda, nunca me senti segura em relação à escrita, sempre tive muita dificuldade em escrever de maneira clara, e isto serviu como uma barreira para prestar o vestibular de uma Universidade Pública, sempre sonhei em estudar em uma boa universidade, mas nunca me senti capaz, até mesmo porque, a escola pública que freqüentei, fazia questão de reforçar que o aluno dela não teria condições de competir com o aluno da escola privada.

Quando tinha oito anos mudei da chácara para uma casa, meus avós maternos vieram morar em uma casa que ficava no quintal, morei neste local até a data do meu casamento.

Além da mudança de casa, nesta época, meu pai também perdeu o negócio que tinha por causa do alcoolismo, nossa situação financeira começou a ficar difícil, minha mãe passou a fazer bolos e doces, sob encomenda, para garantir o sustento da casa. Passados alguns meses, meu pai arrumou um serviço como ferramenteiro em uma firma que abriu na cidade, mas o salário era baixo e nosso padrão de vida caiu muito. Recordar dessa fase da minha infância é ao mesmo tempo sentir tristeza e alegria, tristeza pela dificuldade financeira e da fase do vício de papai, mas alegria quando lembro que ele lutou muito contra o alcoolismo, freqüentou o grupo Alcoólatras Anônimos e contava diariamente há quantos dias estava sem beber, uma vitória diária.

Vovô Nenê começou a trabalhar como turmeiro, contratava bóia-fria para trabalhar na lavoura de cana-de-açúcar e de algodão, sempre que eu estava de férias da escola ia junto com ele para a roça.

Nessas andanças pelas lavouras, meu avô encontrava com freqüência animais perdidos, principalmente quando colocava fogo na cana para queimar as folhas secas e facilitar no momento do corte, os bichos que ele encontrava trazia para minha casa, sempre tinha um animal novo o que fazia de nossa casa uma atração da rua, tivemos um tatu que morou conosco por um longo tempo e cavou buracos no quintal, um lagarto ainda filhote, um sagüi que andava nas costas do nosso cachorro, até um porco-espinho passou alguns dias em casa, mas fugiu. Fico imaginando como meus filhos, iriam ficar felizes se pudessem ter também convivido com esses animais. Que saudade boa daquele tempo!

Quando eu estava na 3ª série, houve um remanejamento de classes e fui estudar na Escola Elias Massud, que ficava a um quarteirão da minha casa, estudei neste colégio até a 8ª série. A diretora desta escola, dona Olga era muito enérgica, verificava todos os dias nas filas o comprimento das saias do uniforme das meninas, usávamos uma saia de prega cinza, dois dedos abaixo do joelho, camisa de botões, com bolso do lado esquerdo bordado o brasão da

escola, meia até o joelho branca e sapato de amarrar preto, que deveria estar impecável. Ela exigia a disciplina no colégio, dava muito valor às artes e atividades culturais, todos os anos a escola fazia a Feira de Ciência, apresentava peças de teatro na escola, gincanas, sem esquecer o desfile no aniversário da cidade (vinte e quatro de março) e o de Sete de Setembro.

Minha mãe foi trabalhar nesta escola como servente, quando eu estava na 7ª série, após prestar um concurso público do estado. Com minha mãe trabalhando fora, era eu quem cuidava do serviço da casa e do meu irmão. Meus avôs já não moravam mais conosco, eles compraram uma chácara e mudaram para lá. Esta fase foi muito importante para mim, cresci muito, me senti útil assumindo essa responsabilidade.

As lembranças que trago desse tempo de escola é que, na maioria das disciplinas as aulas eram expositivas, os professores colocavam matéria na lousa, copiávamos, depois era feito um questionário e as provas eram realizadas com as perguntas dos questionários. Eu decorava as perguntas na véspera, fazia a prova e geralmente ia bem, mas posso dizer que não havia aprendizagem, passado alguns dias já não mais me recordava da maioria das matérias que tinha visto. Uma aprendizagem sem significado foi o que vivi na escola, onde só se cumpria o currículo.

Com a formatura da 8ª série havia chegado o momento de decidir o que fazer, e agora?

Até esta fase da minha vida eu tive muito ligada ao artesanato, aprendi com vó Ercília a bordar e minha mãe me ensinou outras técnicas de bordado, crochê, a fazer bonecas de tecido, costurar, entre muitas outras.

Já nesta época eu fazia do artesanato uma fonte de renda, a decoração de Natal da minha casa, da casa da minha avó e de uma vizinha ficava todo ano sob minha responsabilidade, além disso, confeccionava alguns enfeites de porta e vendia para parentes, mães das minhas amigas, professoras de escola que estudava; tudo o que eu fazia conseguia vender, também ensinava algumas técnicas de artesanato a algumas amigas, a meninas que

moravam próximas a minha casa e ganhava um dinheirinho com isto. O artesanato era e continua sendo até hoje minha paixão.

Diante desse meu interesse por trabalhos manuais, eu queria era fazer faculdade de Artes Plásticas ou Arquitetura, tinha a intenção de fazer colegial e mais tarde prestar vestibular nessa área.

Todas as minhas amigas haviam optado por ir fazer magistério na cidade vizinha, Capivari, este não era o meu desejo, mas minha mãe e minhas tias falavam: "Vai fazer magistério para garantir uma profissão, depois você começa a dar aula, ganhar dinheiro e poderá pagar a faculdade!", mesmo sem vontade acabei seguindo o conselho delas e lá fui eu, estudar em Capivari na escola "Padre Fabiano".

O primeiro ano era o colegial, depois os três anos seguintes seriam o magistério. Tive um professor maravilhoso, José Benedito, foi ele quem me ensinou o pouco que aprendi em gramática, conseguiu fazer com que eu passasse a sentir um pouco mais de gosto pela leitura, mas prevaleceu a dificuldade em produzir textos e esta dificuldade me acompanha até hoje.

A professora de didática e estágio era Gabriela, nas suas aulas eu fazia pastas com desenhos das datas comemorativas, tinha que encontrar músicas, poesias e máscaras para todas essas datas. Precisei fazer também cadernos e cadernos de caligrafia, para ter uma letra bonita. As pastas que fiz, foi certamente uma das mais bonitas da classe, Gabriela exibia meus trabalhos por toda a escola, eu procurava criar trabalhos diferentes dos já conhecidos, como sempre gostei de trabalhos manuais isso para mim era muito fácil. Tanto trabalho com estas pastas para nunca ter sido usado, quando comecei a dar aula percebi que eram as crianças que deveriam fazer seus próprios desenhos e não ter um modelo mimeografado pela professora, tirando delas a oportunidade de desenvolver sua criatividade. Acabou indo tudo para o lixo.

Quando passei a fazer o estágio, comecei a me incomodar com as aulas que assistia, nada havia mudado do tempo em que eu fui alfabetizada, a cartilha tinha sido trocada pelo

livro didático, as crianças continuavam fazendo treino ortográfico, trabalhando com a “família das letras” (silabação), quase nada havia mudado, as professoras colocavam atividade na lousa e os alunos copiavam.

Nas classes em que eu ia fazer estágio, geralmente as professoras pediam para que corrigisse os cadernos, ou trabalhasse no fundo da classe com aqueles alunos que, segundo elas não aprendiam.

Chegando ao final do 3º magistério fui fazer estágio na sala da professora Rosinha, uma classe de 1ª série. Posso dizer que foi nesta oportunidade, que comecei a me encantar com a possibilidade de ser professora. A organização da classe era diferente, as carteiras ficavam dispostas em semicírculo, às crianças não seguiam nenhum livro didático, todos tinham uma caixa, com vários alfabetos feitos com cartolina e as crianças escolhiam com quais palavras queriam trabalhar durante a semana. Destas palavras chaves, ela explorava tudo, número de letras, listas de palavras com a mesma inicial, livros de histórias infantis, jogos confeccionados por ela e pelas crianças, não preciso dizer da alegria que era a classe e que todos aprendiam.

Tive certeza que era uma professora: “diferente”, animada, que trabalhasse com amor, que pudesse fazer do cotidiano da escola um lugar desafiador, que construísse com seus alunos o conteúdo que deveria ser trabalhado e desta forma poder tornar a educação significativa para eles, era assim que eu seria ao me formar professora. O meu olhar em relação ao magistério começou a mudar a partir do estágio na classe da professora Rosinha.

O 4º ano do magistério era o de especialização na pré-escola e neste ano me apaixonei de verdade pela educação.

Formei-me no magistério em 1985, com a certeza de ter feito a escolha certa, com uma vontade imensa de ir trabalhar na educação infantil e de poder fazer a diferença na formação dos meus alunos. Mas eu não queria parar por aí.

No ano seguinte, 1986 resolvi que iria fazer uma faculdade, a minha vontade era de fazer Artes Plásticas, algumas pessoas começaram a falar que essa não seria uma boa opção, que eu deveria escolher outra coisa. Minha segunda opção era Arquitetura, surge outro problema, teria que escolher algo que poderia trabalhar meio período para poder pagar a mensalidade da faculdade e em outro estudar, descartada desta forma a Arquitetura, que era um curso de período integral e não daria para trabalhar. Sem saber o que fazer resolvi optar por Economia, prestei o vestibular na Puc Campinas e passei.

Meu pai queria que eu tentasse em alguma Universidade Pública, mas eu nem quis, não me sentia confiante, a escola pública deixava claro que não preparava o aluno para concorrer a uma vaga nestas universidades, que só teria essa chance àquele que estudou em uma boa escola e que escola boa era a do ensino privado.

Fiquei muito feliz quando meu pai chegou com o jornal e vi o meu nome na lista dos aprovados, na hora nem pensei como faria para poder me manter na faculdade, já que eu não trabalhava, meu pai pagou a matrícula, mas disse que não teria condições de poder pagar também as mensalidades, mesmo assim comecei a estudar, quando fazia alguns dias que as aulas tinham começado, fui chamada para fazer uma entrevista em uma escolinha particular de Monte Mor a "Baratinha Azul", uma escola de educação infantil que funcionava no prédio do asilo. O valor pago pelas mensalidades era usado para manter o asilo funcionando.

Fui aprovada na entrevista, comecei a trabalhar. Fazia faculdade no período da manhã, chegava e ia direto à escola.

Como todo o início foi difícil, eram crianças de quatro a seis anos, havia uma monitora que me ajudava e eu tinha muita força de vontade. Passava os fins de semana preparando aulas, fazendo jogos pedagógicos e usando do meu jeito para artesanato comecei a criar alguns fantoches de feltro para contar histórias. As crianças e as mães gostavam do meu trabalho e sempre me elogiavam muito.

No ano seguinte a diretoria do asilo, resolveu que iria fechar a escola, usariam o espaço para fazer mais quartos e poder receber mais idosos.

Com o fechamento da escola, fui procurada por alguns pais que vieram me pedir para que eu arrumasse um local e abrisse uma escolinha para continuar trabalhando com essas crianças.

No primeiro momento disse que não seria possível, porque era necessário um capital para fazer este investimento, eu não tinha como arrumar, além de não me sentir com experiência suficiente para isso, mas mesmo assim as mães insistiram dizendo que haviam gostado muito do meu trabalho e que as crianças já estavam acostumadas comigo e também gostavam muito de mim.

Diante de tanto apoio comecei a pensar na possibilidade de tornar essa idéia possível, o meu maior problema era o espaço para abrir essa escolinha e o capital para isso.

No início do ano fui procurada por uma dessas mães, a Sílvia, para saber qual tinha sido a minha decisão, nesta oportunidade falei a ela dos motivos que estava me impedindo de tornar possível, este que, estava sendo meu desejo também. Foi então, que ela me disse porque eu não aproveitava a casa que meus avós moraram e que ficava no quintal da dos meus pais. Achei ótima a sua idéia, mas continuava o outro problema, a falta de dinheiro, Sílvia falou que iria conversar com algumas das outras mães e tornaria a me procurar.

No dia seguinte, Sílvia vem novamente conversar comigo e disse que havia conversado com nove mães, que acharam ótima a idéia da casa que ficava no quintal e que para que eu pudesse comprar o que fosse necessário, elas pagariam a matrícula e o valor da mensalidade do primeiro mês adiantado.

Conversei com meus pais, eles acharam muito boa a idéia e disseram que me ajudariam no que fosse possível, comecei a correr atrás dos móveis, meu pai arrumou um pedreiro para fazer algumas reformas necessárias, comprei e confeccionei alguns jogos

pedagógicos e em fevereiro de 1987 abri a escolinha com o alvará da Prefeitura, mas sem o reconhecimento no MEC.

Com a ajuda de minhas tias Cida e Vera fiz alguns cartazes e distribui pelo comércio, imaginava que seria procurada por umas três mães além das nove que já haviam feito a matrícula, mas tive uma boa surpresa, começou as aulas com dezessete crianças com idade de quatro e cinco anos e terminei aquele ano com dezenove crianças freqüentando a escolinha, e com uma vontade imensa de melhorar ainda mais.

No início do ano seguinte, uma amiga que fez magistério comigo me disse que sua prima Maria do Carmo tinha se formado em psicologia e queria conversar comigo para ver se eu não gostaria de fazer sociedade com ela e aumentarmos a escolinha, fiquei muito animada com a idéia e pedi para que ela viesse conversar comigo.

Após algumas conversas, decidíamos que a nova escola atenderia crianças de zero a seis anos e saímos a procura de uma casa para alugar.

Encontramos um local ótimo, uma casa grande, com três quartos - sendo duas suítes, uma varanda enorme, sala de estar e outra de jantar, cozinha com armário embutido e com um quintal imenso. Fizemos contrato de um ano com o proprietário e abrimos um fim de semana para que as pessoas pudessem conhecer e fazer matrícula.

Recebemos a visita de muitas famílias e neste fim de semana foi feita a matrícula de onze crianças.

Durante as duas semanas seguintes a escola também ficou aberta a visitas para terminarmos de arrumar os espaços e os materiais no lugar certo, durante essas semanas algumas mães procuraram a escola para conhecer e acabaram também fazendo a matrícula.

A nova escola também funcionava somente com o alvará da prefeitura de Monte Mor, sem ser reconhecida no MEC, colocamos o nome de Berçário e Educação Infantil Arco Íris.

Em fevereiro de 1988, iniciamos as aulas com 32 crianças freqüentando, com duas professoras, uma faxineira, duas monitoras e uma psicóloga.

Nesta época eu já estava no terceiro ano da faculdade de Economia, mas detestando o curso. Todo início de semestre, eu dizia a meus pais que iria trancar a matrícula, porque eu não estava gostando e meus pais diziam para que eu continuasse. Foram assim nos oito semestres, posso garantir que nesta faculdade não consegui aprender nada, as únicas matérias que gostei do curso todo foram: estatística, matemática financeira e matemática aplicada.

Peguei dependência duas vezes na matéria de contabilidade, assim dá para imaginar que maravilha de economista eu seria se um dia viesse a exercer a profissão, costume dizer que nem mesmo o meu salário sei administrar, se fosse então uma empresa seria um fracasso.

Conseguí terminar a faculdade, nem sei como, mas com a mesma sensação de uma aprendizagem sem significado, não aprendi exatamente nada, só para se ter uma idéia não retornei a Puc nem para retirar o meu diploma.

Fazia faculdade no período da manhã, ficava na escolinha à tarde e algumas noites, quando alguma mãe tinha que deixar seu filho na escola até mais tarde.

Tínhamos algumas crianças, que eram filhos de algumas executivas da Tetra Pak, uma empresa que fica no município de Monte Mor, e constantemente essas mães precisavam deixar seus filhos até tarde conosco. Era criado um vínculo afetivo, muito grande com essas crianças.

No ano de 1989 foi convidada pela diretora da escola "Elias Massud", a mesma que estudei até a 8ª série para dar aula de Educação Artística no Ciclo Básico, nesta época as crianças tinham aulas de Educação Artística e Educação Física.

Como não estavam conseguindo professor especialista para Educação Artística, essas aulas foram atribuídas pela diretora para mim. Eu dava dez aulas por semana, duas em cada classe de Ciclo Básico I e II.

Começou a ficar ainda mais difícil para eu dar conta da faculdade, escolinha e essas aulas de Educação Artística. Diante disso, propus a minha sócia a venda da minha parte da escola e ela aceitou. A escola funcionou por mais dois anos, tendo somente a Maria do Carmo como proprietária, que decidiu fechar e montar um consultório de psicologia.

Terminada a faculdade, eu só tinha a certeza de não querer trabalhar na área de Economia. Pensei em prestar o vestibular para Artes Plásticas, mas acabei desistindo, seria uma faculdade cara, porque além do valor das mensalidades o material é caro.

Surge então nesta época (1990), o concurso de professora do Estado, fiz minha inscrição, mas nem tive tempo de ler a bibliografia recomendada. Fui prestar o concurso em uma escola de Campinas, no caminho o carro que eu estava quebrou e fiquei muito nervosa, não daria para chegar a tempo para a prova, já estava desistindo da idéia e o carro voltou a funcionar.

Quando chegamos na escola que faríamos a prova, os portões já estavam fechando, mas os organizadores permitiram que nós entrássemos. Sai da prova achando que tinha ido bem e daria para passar.

Ao sair o resultado eu havia passado e bem classificada. No dia da escolha, eu combinei com uma amiga que estava classificada próxima a mim, de escolhermos na mesma escola, deu certo e me efetivei na escola do "Jardim Moreira", o bairro mais carente da cidade, onde não haviam ruas asfaltadas, a maioria das casas eram feitas com madeira e papelão, o ônibus não entrava no bairro, íamos para a escola com uma perua da prefeitura, quando chovia tínhamos que andar uns dois quilômetros a pé.

A escola era pequena, funcionava com três classes no período da manhã e três à tarde. As crianças eram muito carentes, não tinham o que comer, se alimentavam na escola, não tinham o que vestir saí procurando entre as pessoas da minha família roupas para levar à escola. A classe que escolhi era um Ciclo Básico I, as crianças não tinham feito pré-escola,

aproveitei da pouca experiência que tive com a escolinha, para usar nesta classe, trabalhava com o nome das crianças, material portador de texto (poesias, músicas, receitas, bulas de remédio, listas telefônicas, jornal,...), jogos pedagógicos...

A diretora da escola gostava muito do meu trabalho, sempre me elogiava para a supervisora da nossa escola, que um dia veio para conhecer a classe. Neste dia, a supervisora me pediu para levar o meu material e de alguns dos meus alunos para a Secretária da Educação, fiquei muito orgulhosa. Ela disse que algumas professoras da rede relutavam em trabalhar com textos, dizendo que as crianças não eram alfabetizadas. Sei que o material dos meus alunos foi parar em várias escolas.

Nesta época eu estava namorando Evandro e fazíamos planos para nos casarmos em dezembro de 1991. Começamos a construir a nossa casa e acabei ficando grávida.

Em 18 de dezembro de 1990, nós casamos e em 30 de maio do ano seguinte, tive uma das maiores felicidades da minha vida, que foi o nascimento do meu primeiro filho Lucas.

Quando tive que voltar a trabalhar, terminada a licença gestante, o Lucas ficou com uma babá chamada dona Ivani, que cuidou dele dos três meses até um ano e quatro meses, depois ela teve que mudar de cidade e minha sogra dona Zélia, passou a ficar com ele, na parte da manhã, para que eu trabalhasse.

Nesta época fiquei grávida do meu filho Luan, outra grande alegria da minha vida, que nasceu em 24 de maio de 1993, seis dias antes de o Lucas fazer dois anos.

Quando terminou a minha licença gestante eu não havia encontrado ninguém para ficar com meus filhos, então meu pai, que na época já era aposentado, disse que ele cuidaria do Luan e dona Zélia (minha sogra) disse que ficaria cuidando do Lucas.

Meu pai foi sempre um grande companheiro, muito mais do que pai, um amigo incontestável, aquele que sempre dizia que por seus filhos e por seus netos seria capaz de matar ou morrer.

No ano de 1994 a Prefeitura de Monte Mor abre inscrição para o concurso de Educação Infantil. Fui prestar o concurso e passei. Escolhi uma classe que funcionava no prédio da escola do Estado, em uma região rural; pedi a remoção de classe do estado para esta escola e consegui. Ficava o dia todo na escola, de manhã com uma classe de C.B. (Ciclo Básico), e à tarde com uma classe de Infantil III.

Fiquei apaixonada pela escola, como funcionava em uma área rural, havia um projeto desenvolvido pelo Estado que as crianças teriam que ter contato com a lavoura, que era o meio que eles viviam. Duas vezes por semana, as crianças tinham aula com uma bióloga, faziam horta, aprendiam a fazer muda, tinha uma pequena estufa na escola, eles acompanhavam desde a germinação da semente até a planta poder ir a terra. Aprendiam a técnica de hidroponia, na estufa cultivavam alface na água.

Na sala de aula, tanto a da pré-escola quanto a do C.B., eu aproveitava dessa realidade das crianças para desenvolver projeto de Horta e Culinária, o que eles plantavam era usada para trabalhar com receitas e eles comiam na merenda. A professora de biologia trazia para mim, umas receitas que aproveitava tudo da lavoura, usávamos como ingredientes até mesmo as cascas de banana. Com a ajuda da merendeira, dona Maria, que era um encanto de pessoa, fazíamos pão de mandioquinha, pão de cenoura, saladas, maionese, bolo de banana, bananada, charuto, entre outras receitas.

As mães valorizavam e participavam muito da escola, na época da colheita de milho mandavam muitas espigas para a escola e fazíamos curau, milho cozido, bolo.

Eu trabalhava com o tempo que a planta demorava em germinar, depois quantos dias ainda demoraria em poder colher, as condições do clima (seca, chuva, calor), o uso dos agrotóxicos, adubo orgânico, que era o utilizado na horta da escola, feito com as cascas da batata, talho da couve, da cenoura e beterraba, utilizada na merenda.

Era visível o interesse das crianças, e isto que ao meu ver é, aprendizagem significativa.

Fiquei nesta escola por dois anos, meu pai ficou doente no final de 1995, teve um câncer na faringe e passou por uma cirurgia muito difícil, teve algumas complicações após a cirurgia, pegando uma infecção hospitalar, ficou mais de um mês internado. Com a cirurgia o seu organismo parou de produzir saliva, ele tinha que fazer uso de saliva artificial, também não conseguia mais engolir alimentos secos, se alimentava de comida que tivesse bastante caldo (macarrão com molho, risoto, carne com gordura ele chupava, não engolia).

Como meu filho Luan ficava com meu pai, pedi afastamento sem remuneração da classe do Estado e escolhi uma classe na rua da minha casa, para dar aula na Educação Infantil da prefeitura.

Com a doença de papai perdi o meu chão, como era muito apegada a ele, entrei em uma depressão profunda e não tinha mais vontade de fazer nada. Por incrível que pareça era papai que me dava força, apesar de tanto sofrimento com as sessões de radioterapia, meu pai tinha uma fé muito grande, insistia em dizer que a doença não conseguiria tirar a sua vida, que dentro dele vivia um Deus Forte e que o amor pelos netos, lhe dava forças para continuar lutando sempre.

Nunca via meu pai reclamar de nada, mesmo doente continuou cuidando do Luan, ia comprar madeira para ficar cortando e fazendo carrinho, mesinha, ensinava o meu filho a cortar, pregar. Saía para ir a loja de material de construção, comprar prego para o Luan ficar brincando com martelo e madeira no quintal.

Levava meus filhos para a casa da vó Ercília, plantavam flores, cuidavam do jardim. Era papai também que levava os netos para a escola.

E foi lutando sempre, que lembro de papai. A doença voltou alguns anos depois, ele teve que fazer uma traqueotomia, para facilitar na respiração e outra cirurgia para a retirada

do tumor. Seu médico nos disse que a cirurgia tinha ocorrido bem, achamos esquisito o fato de não recomendar novas sessões de radioterapia, na minha ingenuidade achava que papai estava bom e que sairia mais uma vez vencedor da doença. Ele continuava se mostrando forte e nos dando lições de luta, persistência e fé, mas não foi assim, esse tumor havia deixado metástase, só ele sabia o que estava ocorrendo e pediu ao seu médico que não nos contasse a verdade, porque não queria nos ver sofrer.

Até uma semana antes de sua morte, papai veio buscar Luan em casa todas as manhãs e o levou à escola. Sentia muita dor nos últimos dias de vida, fazíamos massagens em todo seu corpo, mamãe, meus filhos e eu, para que a dor melhorasse.

Foi internado no dia 20 de abril, uma segunda-feira, mamãe ia visitá-lo todas as tardes com tia Cida, na quinta-feira dia 23, minha mãe voltou da visita muito nervosa dizendo que papai não estava bem. Ela pedia a seu médico, que deixasse meu irmão Júlio passar aquela noite com papai e ele permitiu.

Meu pai veio há falecer na madrugada do dia 24 de junho de 1999, completamente lúcido até o último instante. Com sua morte foi embora também, uma grande parte de mim, meu pai foi para mim, muito mais do que meu "braço direito", como costumam dizer para aquele que muito nos ajuda, papai pensava por mim, fazia para mim, cuidava de mim. Mas eu não podia me entregar, tenho como referência para minha vida a sua luta, fé, otimismo, amor.

Somente depois de sua morte, é que seu médico nos disse, que ele sabia que da segunda vez sua doença não tinha cura e que foi um pedido seu, que não nos contasse nada.

Fico pensando como papai, esteja ele onde estiver, está feliz com a minha entrada na UNICAMP. Durante todo o tempo em que eu estou escrevendo este memorial sinto sua presença comigo.

Continuando a falar sobre a minha trajetória como professora, não voltei mais a trabalhar no ensino fundamental. Eu estava afastada do Serviço Público Estadual, sem

remuneração, quando o governo lança a primeira demissão voluntária, e resolvi pedir a minha. Não tinha mais a intenção de continuar trabalhando em dois períodos, queria poder ficar mais com meus filhos, participar mais da infância deles, também porque a Educação Infantil era realmente a minha paixão.

Minha diretora veio conversar comigo para me pedir que não desistisse, continuasse com o afastamento e depois decidisse o que fazer, mas eu estava certa do que queria e meu marido me apoiou, também achou que era importante estar mais próximo dos nossos filhos.

Na Rede Municipal, tive oportunidade de trabalhar em várias escolas e com classes de Infantil I, II e III. Nestas escolas por onde passei, aprendi muito com as outras professoras, mas a escola que para mim, foi mais significativa trabalhar, foi a da "Popular Velha", a diretora da escola na época era minha Tia Cida (irmã de papai), funcionavam duas classes no período da manhã e duas a tarde. Fui trabalhar no infantil II, no período da tarde, junto com a professora Ana Lúcia, que hoje faz faculdade comigo na mesma classe da UNICAMP.

Foram vários os motivos que me levam a dizer que foi importante trabalhar nesta escola, primeiro porque foi neste ano que meu pai faleceu, a companhia das pessoas que trabalhavam comigo, me dando forças, foi muito importante e nesta hora não posso deixar de dizer de Ana que mesmo sem saber, o seu entusiasmo pela escola não permitia que me sentisse triste, ela sempre vinha sugerir alguma atividade diferente, fomos várias vezes com os alunos na quitanda comprar frutas e fazer salada-de-fruta, compramos uma caixa de maçãs e fizemos maçã do amor, sequilhos, bolachinha de nata, doces. Trabalhávamos sempre juntas, programávamos todas as semanas atividades, com os baús de brinquedos e fantasias e nestes momentos as crianças reproduziam papéis vivenciados por elas, o que muitas vezes nos permitia compreender o porque de certos comportamentos que estas apresentavam. Aprendi muito nesta escola, com a troca de experiências que tive com Ana.

Outro motivo que me fez dizer que foi bom trabalhar nesta escola é que o espaço físico era excelente, havia um parque gramado com várias árvores que nos possibilitava de trabalhar muito com atividades extraclasse, tinha uma pracinha do lado da escola e eu adorava ir sentar com as crianças, para contar histórias neste lugar.

Esta era uma escola diferente, porque a comunidade participava muito das atividades desenvolvidas, ajudavam nas festas promovidas pela escola, tanto na organização, quando na elaboração dos enfeites e no trabalho nas barracas. Com frequência tinha alguém do bairro na escola, sugerindo algo ou ajudando de alguma forma.

Na rede municipal a escolha de classe, era realizada todo ano no final do mês de janeiro, no ano de 2000 escolhi uma escola perto de casa a qual estou até hoje e agora como efetiva da casa, pois com a aprovação do Estatuto do Magistério de Monte Mor, no ano passado, a escola que escolhêssemos neste ano ficaria sendo a sede. Eu adoro a escola que estou, foi nela que meus filhos estudaram na Educação Infantil, a diretora da escola foi minha professora na 4ª série, ela gosta muito do meu trabalho, as outras professoras da escola também são ótimas, o ambiente é de harmonia.

A escola funcionava com crianças de quatro a sete anos, no ano passado passou a funcionar também como creche. Atende crianças a partir de dois anos e seis meses, em Monte Mor as crianças mais novas que estas, não são aceitas na creche e para que tenham o direito a vaga, é necessária que a mãe apresente um comprovante que ela trabalha fora.

Quando exonerei do cargo do Estado, passei a pensar na possibilidade de fazer uma faculdade de pedagogia, mas logo desisti da idéia.

Quando o curso superior, na área de educação, passou a ser uma exigência da LDB, muitas professoras da rede se desesperaram e foram fazer pedagogia nas cidades próximas e vieram me convidar para ir estudar em Tatuí, na época eu disse que não podia ir, porque o valor da mensalidade era muito alto e não dava para eu pagar. Recordo-me que numa reunião

de planejamento, no início do ano estavam falando sobre este assunto, uma dessas professoras que estava estudando em Tatuí, me disse que se eu não fosse estudar com elas, eu iria acabar perdendo meu emprego de professora e eu respondi brincando: "Pedagogia eu só irei fazer um dia, se puder ser na UNICAMP", achando que isto nunca seria possível.

Algum tempo depois minha tia Cida, que estava trabalhando como Secretária da Educação, me liga para contar que a prefeitura de Monte Mor, junto com as demais prefeituras da região metropolitana de Campinas, havia feito uma parceria com a UNICAMP, que iria abrir um curso de pedagogia para as professoras efetivas, da rede municipal dessas cidades, mal pude acreditar no que ela estava me falando.

Passado o momento de alegria surge então o do medo, ela me disse que as pessoas interessadas teriam que passar por um vestibular, neste momento veio novamente à insegurança, de prestar um vestibular em uma universidade, como a UNICAMP. Pensei em não fazer a inscrição, mas incentivada por algumas colegas e por minha mãe acabei fazendo no último dia.

Das mais de vinte pessoas que não tinham pedagogia da rede e que poderiam prestar este vestibular, somente sete fizeram a inscrição. Combinei com a Rita e a Ana, de estudarmos em minha casa, para nos prepararmos para o vestibular. A Andréa, a Alessandra e a Rosemeire ficaram sabendo que íamos estudar e vieram também.

Na primeira semana do recesso de julho estudamos, na verdade mais nos divertíamos. Esses dias foram para mim como uma terapia, conversamos sobre escola, falamos dos problemas pessoais, comemos muito, uma semana que nunca irei esquecer.

Chegou então o dia do temido vestibular. No carro da Alessandra fomos eu, ela, a Rita e a Rose.

Ao iniciar a prova, primeiro li todas as perguntas, quando percebi já havia passado muito tempo, e eu tinha a impressão que não sabia nada, então comecei a ficar mais nervosa

do que já estava, pois achei que não daria tempo nem mesmo para responder as questões que eu sabia. Passei a escrever sem parar, tudo o que eu achei que estava certo, comecei a passar mal, minha pressão deve ter caído e sentia muita tontura. O meu mal estar era tanto, que decidi entregar a prova deixando algumas respostas, sem nem ao mesmo tentar responder.

Sai da sala com a impressão de não ter passado, o engraçado é que percebia todos que saiam tinham esta mesma sensação.

No carro, de volta para Monte Mor, vínhamos conversando sobre as nossas respostas e nos divertimos muito das besteiras que escrevemos. Agora era só esperar, sair a lista dos aprovados e torcer para que nossos nomes estivessem nela.

Recordo que estava na escola quando a Rosemeire ligou, para dizer que o marido dela havia pegado a lista dos aprovados na internet e o nome de todas nós estava lá. Fiquei muito feliz, a diretora, as professoras e as funcionárias da escola vieram me dar parabéns.

No dia da matrícula, eu e a Rita fomos a UNICAMP com o ônibus da prefeitura, que leva pacientes ao hospital. Apresentamos os documentos que foram pedidos, fizemos a nossa matrícula, recebemos o horário das aulas, não estávamos na mesma turma. Depois entramos em contato, com todas e eu caí na turma A, na mesma da Ana Lúcia, Andréa e Alessandra.

Surge outro problema, como ir até a faculdade? Procuramos algumas empresas de transporte, mas ficaria muito caro, resolvemos ir conversar com o prefeito e explicar a nossa situação, ele nos propôs de fornecer uma perua da prefeitura, com o combustível e nos pagaríamos o motorista. Achamos ótima a sua proposta.

Iniciada as aulas, começamos a perceber que éramos as excluídas da UNICAMP. Alguns professores do curso de pedagogia normal, assim como a maioria dos alunos não via com bons olhos a nossa presença.

Como dizia nossa professora de História da Educação, Rosarinho, entramos pelas “portas do fundo”, mas íamos sair pelas “portas da frente”, muito orgulhosas da nossa passagem pela universidade.

Para que o curso do PROESF se tornasse realidade, teve que existir um movimento de luta por alguns professores da UNICAMP, que acreditam que este curso poderia fazer a diferença.

As alunas do PROESF têm a vivência da sala de aula e com a referência teórica que seria estudada na universidade, poderiam mudar a prática docente, melhorando a qualidade da educação.

E com certeza foi o que aconteceu comigo, posso afirmar que depois da UNICAMP o meu olhar em relação a minha prática mudou.

Muito do que vi na faculdade me impressionou, mas dentre as questões que foram significativas algumas me incomodaram. Foi o que aconteceu quando estudei a matéria Educação da criança de 0 a 6 anos, com a AP Alessandra Pereira no 4º semestre.

No primeiro dia de aula Alessandra pediu para que escrevesse o que, para mim significava infância. Neste momento só vi infância, como sendo aquela que eu tive e a que meus filhos também tiveram. Acho que até mesmo por uma atitude egoísta, não consegui olhar para outro modelo de infância. Esqueci daquelas crianças que foram meus alunos quando escolhi a escola para me efetivar no “Jardim Moreira”, que viviam em uma situação de extrema pobreza e muitas dessas crianças tinham perdido a infância, assumindo responsabilidades no cuidado da casa e dos irmãos mais novos, e escrevi que a infância era a melhor fase do desenvolvimento do ser humano, época em só pensar em brincadeira, em viver de fantasias, sem ter nenhuma preocupação.

Quando passei a fazer a leitura dos textos sugeridos por Alessandra e que seriam trabalhados na classe, comecei a perceber que o conceito que tinha de infância não era o correto.

Estudando como o conceito de infância, é determinado historicamente pela modificação das formas de organização da sociedade, é que percebi quanto à criança e os adolescentes da idade média eram mal vistos.

Segundo Ariès (1981), no texto *História Social da Criança e da Família*, a criança na sociedade medieval era vista com indiferença pelos adultos. A duração da infância era reduzida a seu período mais frágil, caso ela sobrevivesse até aproximadamente um ano, era misturada aos adultos e partilhava de seus trabalhos e jogos. A criança era um adulto em miniatura, sem passar pelas etapas da juventude.

A socialização da criança (transmissão de valores e de conhecimentos), acontecia fora da família. A criança era afastada logo de seus pais e aprendia as coisas que deveria saber, ajudando os adultos a fazê-las.

Ver a infância dentro de um contexto histórico, foi um choque para mim, não conseguia ver a criança sendo tratada como um adulto.

No momento em que trabalhamos, com os autores Kincheloe e Steimberg (2001), analisamos as concepções de infância pós-moderna, presentes no nosso cotidiano. Foi feito um paralelo entre infância e família e a influência da mídia na educação infantil. Recordei um pouco do que tinha visto em *Tecnologia e Educação*, no primeiro semestre, onde pude perceber que a tecnologia avançada cria uma sociedade de consumo. Ao trabalhar com estes autores pude analisar a mudança de comportamento da sociedade nos últimos cinquenta anos, a mudança na estrutura familiar, a família nuclear não é mais a maioria, há crianças que não vivem com os dois pais biológicos.

A mudança da economia, aliada ao acesso das crianças ao mundo adulto, transformou a infância. Pais e mães passaram a trabalhar fora de casa. Steimberg e Kincheloe (2001), diziam que estamos vivendo uma geração de esquecidos em casa. Ficando sozinhas estas crianças se voltam à TV, para preencher o tempo. A infância pós-moderna sente a influência da mídia, personagens da televisão passam a ser usados como modelo pelas crianças, o acesso às informações é muito fácil e a criança ganha uma aparente visão adulta, perdendo sua inocência, ingenuidade e pureza, ou seja, perde a infância.

A mudanças na infância pós-moderna, é uma realidade que merece atenção dos pais e professores. Passei a conversar com os pais dos meus alunos, nos momentos de reuniões, sobre a influência que a televisão exerce na criança, o cuidado em que precisamos ter em relação à mídia. Também comecei a discutir, na minha escola sobre o fato de algumas professoras, fazerem questão de trabalhar e de fazer festinha nas atividades comemorativas como Dia das Mães e dos Pais, mostrando a elas os novos modelos de família, como se sente uma criança que a mãe não pode participar desses momentos, por estar trabalhando, ou aquela que não tem pai, para receber o presente que ela fez na escola.

Ainda na matéria Educação da criança de 0 a 6 anos, Alessandra pede para que seja feita a leitura do livro “Um amor conquistado – o mito do amor materno”, de Elizabeth Badinter (1985), ela propôs que a classe fosse dividida em duas turmas, um número de alunas teria que fazer a leitura defendendo a idéia da autora, e as demais teriam que ler indo contra a autora, foi um “choque”, fiquei do lado que deveria defender a autora e antes de iniciar a leitura achava que seria impossível fazer esta defesa. Conforme fui lendo percebi que Badinter tinha razão, que o amor materno inato é um mito, mas que ele é conquistado, como apresentado no título da obra. Todo afeto para existir, necessita da proximidade física e emocional e é conquistado com a convivência, nas relações construídas no cotidiano.

Ao terminar a leitura do livro, foi que passei a entender porque algumas mães de alunos me parecem omissas, mostrando não importarem com o que está acontecendo com seu filho, enquanto alguns pais se mostram tão atenciosos, amáveis, preocupados. Achava um absurdo o comportamento dessas mães. Hoje vejo que este amor não foi semeado, alimentado, conquistado. A criança precisa de quem a olhe e a veja como alguém importante. Foi de grande importância para mim a leitura deste livro.

Uma outra matéria de grande significado para mim, foi Educação Infantil com a AP Simone, quando apresentou as creches e pré-escolas italianas, que têm sua centralidade na criança. Achei muito bom quando ela disse que, nas Escolas de educação infantil italiana a criança não precisa de uma pedagogia que antecipe a escolaridade obrigatória, nem que a prepare para ela. Achei muito interessante e fui procurar saber mais, sobre a educação infantil italiana, encontrei uma reportagem ótima na revista "Pátio Educação Infantil", uma reportagem com a Prof^a Ana Lúcia G. de Faria, onde ela diz que nas escolas italianas não se alfabetiza na educação infantil, não se ensina, nem se prepara para o futuro, essas instituições cuidam e educam, com a preocupação que a criança cresça, sem deixar de ser criança. As crianças organizam o espaço e o tempo, para que a criança produza as culturas infantis. Estas instituições não trabalham com conteúdos. Fiquei questionando a educação infantil do meu município onde tem a preocupação de preparar a criança para o ensino fundamental, roubando desta o direito de aproveitar a sua infância.

Muitos de nossos alunos saem da educação infantil alfabetizados e quando não estão, as professoras do ensino fundamental ficam bravas.

Diante de tudo que li na faculdade sobre educação infantil, hoje luto para que meus alunos tenham o direito a brincar, a estar dentro de um ambiente gostoso, onde ele se sinta seguro, onde ele possa expressar seus sentimentos, se sentir amado e querido por todos que o rodeiam. Não é uma tarefa fácil, pois envolve muitos profissionais, e é necessária uma

mudança na concepção que estes têm de educação infantil, mas sei que aos poucos conseguirei envolver outras professoras.

A minha passagem pela UNICAMP, e falo passagem porque não pude usufruir tudo que ela oferece a seus alunos, gostaria de ter tido mais momentos para usar a biblioteca, a sala de informática, talvez fazer um curso de inglês ou até mesmo assistir umas aulas no Instituto de Artes; mesmo assim foi muito importante para mim. Não posso dizer que mudei completamente a minha prática, mas posso afirmar que não sou a mesma profissional, nem a mesma pessoa que a de três anos atrás. As trocas de experiências que tive, com as alunas da minha turma foram muitas, tenho certeza que não esquecerei nunca dos seminários apresentados, que foram maravilhosos.

As amizades levarei para sempre comigo, algumas novas, outras reforçadas após a faculdade, é o caso da Ana Lúcia que tanto me ajudou, também agora na faculdade me dando sempre muita força e apoio; da Alessandra que com muita paciência me auxiliava nos problemas com o computador, e nos trabalhos em grupo; da Andréa dos momentos de desabafo em relação a nossa rede de educação.

Não posso deixar de falar da AP Luciane, de Tecnologia que me ensinou a mexer no computador nas suas aulas, no 1º semestre, que talvez tenha ficado decepcionada com o pouco que aprendi, esperando que eu produzisse mais, mas a ela deixo o meu agradecimento enorme, pois foi pelo que aprendi em suas aulas que hoje me sinto capaz de estar escrevendo meu memorial no computador, este instrumento que antes da faculdade achava que nunca seria capaz de mexer.

Muita coisa aconteceu comigo nesses três anos de faculdade, hoje me sinto mais confiante em relação à escrita, a cada trabalho realizado uma vitória alcançada.

Durante este tempo de faculdade voltei a trabalhar no ensino fundamental com uma classe de 2ª série, fiquei pôr três meses e este tempo foi suficiente para reforçar a minha grande paixão pela educação infantil.

Também fui convidada para dar aula em uma classe de infantil II, em uma licença gestante, na escola que meus filhos estudam e estou adorando. É uma outra realidade trabalhar com crianças de escola particular. O capital cultural que estas têm é muito diferente das crianças do ensino público, tudo o que é discutido na sala de aula eles já viram, sabem falar a respeito.

Termino a escrita desse memorial, com a certeza de ter dado o melhor de mim nesta faculdade. Sinto que muita coisa mudou na minha prática, mas sei que tenho também muito a melhorar. Acredito na formação continuada, e como a própria palavra diz esta formação tem que continuar.

Só tenho uma certeza: Educar é acreditar na vida, é ter esperança em um futuro melhor, e vou dar o que estiver ao meu alcance para garantir aos meus alunos este futuro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ARIÈS, P. Prefácio. In ARIÈS, P. História social da Criança e da Família. R.J., Zahar Editores, 1981. Pp. 9 – 27
- _____ Conclusão: os dois sentimentos da Infância. In ARIÈS, P. História Social da Criança e da Família. R.J., Zahar Editores, 1981. Pp. 156 – 164.
- BADINTER, E. Um amor conquistado – o mito do Amor Materno. R.J. Editora Nova Fronteira, 1985. Pp. 9 – 144.
- BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação. 1996
- _____ Ministério da Educação. Revista Pátio Educação Infantil. Ano II. Nº5. Agosto/ novembro 2004. ARTMED, Pp. 16 – 19.
- STEINBERG, S. R. & KINCHELOE, J. L. Sem segredos. Cultura infantil, saturação de informação e infância pós-moderna. In STEINBERG, S. R. & KINCHELOE, J. L. Cultura Infantil - A construção corporativa da Infância. R.J. Editora Civilização Brasileira, 2001. Pp 9 – 52.